

ORGANIZADORA
ANA TAÍS MARTINS

INFOCOMUNICAÇÃO

MEIO AMBIENTE

TRAJETÓRIAS FRONTEIRAS

METODOLOGIA DE PESQUISA
EM COMUNICAÇÃO

CORPORALIDADES temas, PERSONA
heurísticas,

RADIOJORNALISMO objetos IMAGNÁRIO

TEMPORALIDADE

SÃO PAULO • 2021 •



pimenta
intelectual

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2021 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2021 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Airton Carlos Batistela <i>Universidade Católica do Paraná, Brasil</i>	Breno de Oliveira Ferreira <i>Universidade Federal do Amazonas, Brasil</i>
Alaim Souza Neto <i>Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil</i>	Carla Wanessa Caffagni <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Alessandra Regina Müller Germani <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Carlos Adriano Martins <i>Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil</i>
Alexandre Antonio Timbano <i>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil</i>	Caroline Chioquetta Lorenset <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Alexandre Silva Santos Filho <i>Universidade Federal de Goiás, Brasil</i>	Cláudia Samuel Kessler <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Aline Daiane Nunes Mascarenhas <i>Universidade Estadual da Bahia, Brasil</i>	Daniel Nascimento e Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Aline Pires de Moraes <i>Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil</i>	Daniela Susana Segre Guertzenstein <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Aline Wendpap Nunes de Siqueira <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Danielle Aparecida Nascimento dos Santos <i>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil</i>
Ana Carolina Machado Ferrari <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Delton Aparecido Felipe <i>Universidade Estadual de Maringá, Brasil</i>
Andre Luiz Alvarenga de Souza <i>Emill Brunner World University, Estados Unidos</i>	Dorama de Miranda Carvalho <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>
Andreza Regina Lopes da Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Doris Roncareli <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Antonio Henrique Coutelo de Moraes <i>Universidade Católica de Pernambuco, Brasil</i>	Elena Maria Mallmann <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
Arthur Vianna Ferreira <i>Universidade Católica de São Paulo, Brasil</i>	Emanoel Cesar Pires Assis <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Bárbara Amaral da Silva <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Erika Viviane Costa Vieira <i>Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil</i>
Beatriz Braga Bezerra <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>	Everly Pegoraro <i>Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil</i>
Bernadette Beber <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Fábio Santos de Andrade <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>

Direção editorial Patricia Bieging
Raul Inácio Busarello
Diretor de sistemas Marcelo Eyng
Diretor de criação Raul Inácio Busarello
Assistente de arte Lígia Andrade Machado
Imagens da capa Pikisuperstar - Freepik.com
Editora executiva Patricia Bieging
Assistente editorial Peter Valmorbidia
Revisão Autores(as)
Organizadora Ana Taís Martins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T768 Trajetórias de pesquisa em comunicação: temas, heurísticas, objetos. Ana Taís Martins - organizadora. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 268p..

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5939-083-0 (brochura)
978-65-5939-084-7 (eBook)

1. Comunicação. 2. Imaginário. 3. Semiótica. 4. Recepção.
5. Jornalismo. I. Martins, Ana Taís. II. Título.

CDU: 659

CDD: 652

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.847

PIMENTA CULTURAL

São Paulo - SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 1

7

Ilza Maria Tourinho Girardi
Eloisa Beling Loose
Débora Gallas Steigleder

O ESFORÇO DE ALFABETIZAÇÃO ECOLÓGICA DO CAMPO JORNALÍSTICO¹

¹ Este artigo foi baseado no capítulo *Um semestre muito especial: o surgimento da primeira disciplina de Jornalismo Ambiental*, de autoria de Ilza Maria Tourinho Girardi, publicado em 2018 no e-book *Jornalismo Ambiental: teoria e prática*.

Sigamos em frente agora. [...]

A saber, a questão natural é a nova questão de nossa época perturbada e exausta. Assim, o que precisamos, de agora em diante, é construir nossa sociedade e nossa história a partir da natureza.

Serge Moscovici

A defesa do meio ambiente é a inspiração de quem se aventura pelos caminhos da pesquisa em Jornalismo Ambiental. Para pesquisar Jornalismo Ambiental não basta estudar o Jornalismo, é necessário compreender também o campo ambiental. Então podemos afirmar que olhamos para o meio ambiente através do Jornalismo e estudamos o Jornalismo pensando em suas contribuições para cuidar do meio ambiente. Sonhamos que esse duplo movimento contribua para ampliar o olhar das cidadãs e dos cidadãos acerca do ambiente, compreendendo a sua centralidade na vida de todos os seres. Entendemos o Jornalismo como uma prática social que, além de pautar os temas nos quais as pessoas vão pensar, tem o potencial educativo de transformar os modos como as pessoas vão se relacionar com a natureza.

Com essa perspectiva, em 2003, a temática ambiental foi introduzida na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Fabico-UFRGS) através de uma disciplina na graduação, nos projetos de extensão e de pesquisa. Esse movimento também ocorreu na pós-graduação, com a criação da disciplina Práticas Culturais, Comunicação e Meio Ambiente, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Com a alteração de nome do programa para Programa de Pós-Graduação em Comunicação, foi substituída pelo Seminário Jornalismo e Meio Ambiente. Embora tais institucionalizações sejam marcos relevantes no histórico de formação de uma área de estudo – até então rechaçada pelos pares -, vale ressaltar que o processo de alfabetização ecológica pode ocorrer em qualquer espaço e situação,

pelo exemplo e pela provocação amorosa. Esse é um caminho possível dentro de quaisquer estruturas curriculares e outros espaços de trocas, no qual se pode cruzar as boas práticas do Jornalismo com elementos da educação ambiental.

O SURGIMENTO DA PRIMEIRA DISCIPLINA DE JORNALISMO AMBIENTAL

A criação da disciplina Jornalismo Ambiental foi um fato marcante pela possibilidade de iniciar a discussão sobre a cobertura ambiental no currículo, mesmo que de forma não obrigatória. Esse marco fomentou a multiplicação da proposta em outras instituições de ensino e tornou a Fabico-UFRGS uma referência nessa área. O professor André Trigueiro em seguida, baseando-se em nosso exemplo, criou a disciplina na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Isso gerou um criativo processo de trocas entre outros professores integrantes da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental que passaram a ministrar Jornalismo Ambiental em suas universidades. A consequência imediata foi a visibilidade do tema ambiental nos cursos, que despertou o interesse de alunos de Jornalismo para produzirem seus trabalhos de conclusão de curso na área.

O embrião dessa experiência está nos preparativos para a realização da Rio-92. O seminário preparatório voltado a jornalistas que cobririam o evento, promovido pela Federação Nacional dos Jornalistas em 1989, culminou com a criação de núcleos de Jornalismo Ambiental nos estados. Apenas o Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ-RS), criado em 1990, está em atuação até hoje. Os cursos, eventos e publicações voltados à formação de jornalistas gaúchos para a questão ambiental evidenciaram a importância de começar

esse processo ainda nas faculdades, com a oferta de disciplina para os estudantes de graduação.

Também no ano de 2003, a necessidade de um veículo jornalístico especializado para realizar a cobertura do III Fórum Social Mundial (FSM), de Porto Alegre, motivou a criação da EcoAgência de Notícias Ambientais pelos associados do NEJ-RS. Foi justamente essa experiência que empolgou a professora Ilza Girardi a propor a criação da nova disciplina, pois o FSM foi uma verdadeira oficina de criação e discussão sobre a importância da formação dos jornalistas para a cobertura das pautas ambientais de forma mais competente já a partir da graduação. Essa perspectiva era tabu na época, pois muitos jornalistas consideravam que não existia Jornalismo Ambiental, mas sim Jornalismo, já que o jornalista fazendo jornalismo como deve ser praticado na teoria poderia realizar bons trabalhos em qualquer área. No entanto, a realidade desmentia essa crença. A urgência exigia mais preparo e isso deveria ser fomentado nos bancos escolares.

O programa da disciplina destacava perspectivas e autores que propunham reflexão crítica sobre a devastação da natureza pelos seres humanos em nome de um ideal de desenvolvimento e progresso que somente amplia as desigualdades. Conforme lembra Girardi no livro *Jornalismo Ambiental: teoria e prática* (2018), a ética do cuidado, de Leonardo Boff, o pensamento complexo de Edgar Morin e a crítica à Revolução Verde de Henk Hobbelling foram alguns dos pontos visitados. Vivências, como danças circulares, saídas de campo, como a visita ao Parque Nacional dos Aparados da Serra, e encontros com convidados contribuíram para que os estudantes pudessem experimentar a conexão com a natureza como parte constitutiva de si e de suas relações sociais. Ao fim do semestre, realizaram a produção coletiva da *Revista Oca*.

Para planejar essa disciplina e fazê-la ter êxito, conquistando o interesse dos discentes para as relações entre natureza e humanidade,

buscou-se envolver a turma e auxiliá-los nos seus próprios processos de alfabetização ecológica. As experiências da professora com o movimento ecológico, em especial na luta contra os agrotóxicos e para a construção da agricultura orgânica, assim como seu engajamento com o NEJ-RS, tornaram-se fonte de ensinamentos e mais estímulo para fazer o Jornalismo cumprir seu papel social. Pode-se perceber que, sendo o ambiente um bem comum, o Jornalismo Ambiental coloca-se ao lado do interesse coletivo e defende um futuro sustentável para nós e as próximas gerações. Da mesma forma que o Jornalismo se posiciona em defesa dos direitos humanos e da cidadania, o Jornalismo Ambiental inclui em seus propósitos o cuidado com a vida, em todas as suas formas.

Nesses tempos tão conturbados, em que a ameaça de danos ao meio ambiente é constante, o Jornalismo Ambiental é necessário para imprimir um olhar cuidadoso e comprometido com a defesa da vida. Isso exige engajamento e espírito investigativo para saber utilizar os métodos do próprio Jornalismo na intenção de desvendar processos que encobrem interesses prejudiciais ao meio ambiente e à saúde de todos.

A introdução desse olhar no curso de Jornalismo da UFRGS, pioneiro nesse sentido, nunca foi ofertada como obrigatória desde sua criação. Também sempre foi restrita a uma única ministrante, talvez porque o interesse pela temática ambiental por muito tempo tenha sido classificado como um nicho desassociado de outros fenômenos sociais, reflexo da separação entre humanidade e natureza que persiste desde a modernidade. Mesmo que isso tenha limitado a transversalização do tema, trata-se do início de um processo de ecologização do currículo. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo, aprovadas em 2009, passam a mencionar o desenvolvimento sustentável entre as competências e valores que devem predominar na formação dos estudantes (MEDITSCH, 2018).

Todavia, a maneira como cada curso está tratando dessa questão possui ênfases muito diferentes.

A INVESTIGAÇÃO SOBRE O BINÔMIO JORNALISMO E AMBIENTE

As pesquisas orientadas desde os anos 1990 na área de Jornalismo Ambiental apresentam diversidade temática e metodológica. Em tais trabalhos, já estavam presentes a preocupação com a educação ambiental e o interesse no potencial da comunicação comunitária na sensibilização dos sujeitos. O leque de possibilidades para a abordagem científica do Jornalismo Ambiental vai se ampliando com o passar do tempo, a partir das pesquisas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, e com o início da orientação de trabalhos de mestrado e doutorado.

Em 2007, na organização do II Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental, realizado pelo NEJ-RS, em Porto Alegre, com o apoio da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental e da UFRGS, abrimos espaço para a I Mostra Científica em Jornalismo Ambiental, que contou com a apresentação de muitos artigos – o que já mostrava a atenção dos pesquisadores, e muitos de iniciação científica, ao tema. Os trabalhos analisavam a cobertura jornalística sobre agrotóxicos, transgênicos, plantio de eucaliptos, entre tantos outros. Em 2008, houve o registro do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental (GPJA) no CNPq; desde então, a produção de seus integrantes tem se intensificado e é reconhecida nacionalmente como um polo de produção de conhecimento nessa interface.

Em paralelo ao estudo de coberturas jornalísticas específicas, como o início do cultivo de transgênicos no Brasil, a intensificação

das monoculturas de eucalipto no Rio Grande do Sul, a realização da Rio +20 e a votação do Código Florestal de 2012, as pesquisas debruçavam-se sobre questões em crescente debate na esfera pública. Alguns exemplos são a apresentação da economia verde enquanto solução para os problemas originados pelo capitalismo (algo que, de fato, não resolve a questão da exploração) e o processo de aceleração das mudanças climáticas, mesmo frente às evidências científicas de que se trata de um fenômeno causado pela ação da humanidade sobre o planeta. Em uma visão panorâmica desse conjunto de trabalhos, é possível perceber o constante cruzamento da questão ambiental com os campos da política, da economia, da educação, dentre outros, revelando a interdisciplinaridade inerente do campo ambiental.

Desde sua oficialização, o GPJA já contribuiu para a formação de diversos doutores e mestres, que se tornaram multiplicadores desse olhar ecologizado sobre as práticas jornalísticas. Também parcerias nacionais e internacionais permitiram a capilaridade da discussão ambiental na formação de novos profissionais e pesquisadores.

Até meados da segunda década do século XXI, as pesquisas na área indicavam que, em geral, a cobertura sobre meio ambiente pelos meios jornalísticos brasileiros – fossem veiculados em rádio, televisão, jornal, revista ou portais de internet – era incipiente e baseada em viés ecotecnocrático. Ou seja, os problemas ambientais eram vistos como menos relevantes, cujas soluções residiam puramente em contar com avanços tecnológicos ou medidas gerenciais que corrigissem ou controlassem os efeitos indesejados das atividades humanas, sem que fosse necessário questionar causas e origens desses inconvenientes. Tal barreira foi descrita no artigo *Caminhos e descaminhos do Jornalismo Ambiental* (GIRARDI et al., 2012), que aponta a inexistência de uma abordagem sistemática sobre meio ambiente pelo Jornalismo, a não ser frente a ocorrência de desastres e catástrofes. De forma geral, a cobertura jornalística nessa área

permanece restrita ao factual e presa a ciclos de atenção, mas as reflexões sobre a insuficiência desse modelo se tornam cada vez mais consistentes.

Em recente pesquisa sobre a cobertura ambiental em *Jornal Nacional* no ano de 2019 (GIRARDI; LOOSE; STEIGLEDER, 2020) constatamos os primeiros indícios de que o noticiário brasileiro vem incorporando algum tipo de transversalidade na pauta ambiental. Isto se deve, possivelmente, à maior ocorrência de casos de impacto e de inegável tangibilidade, como o recorde de queimadas na Amazônia, o derramamento de óleo no litoral brasileiro e o rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Vale em Brumadinho. Muitos dos casos reportados têm relação direta com o desmonte da política ambiental a partir do início do governo de Jair Bolsonaro, em janeiro de 2019. Com a recorrência de tragédias associadas à devastação ambiental e à exploração da natureza para o lucro de poucos, torna-se mais difícil ignorar as conexões entre os fenômenos e os riscos intrínsecos a atividades cobertas sob o ponto de vista puramente econômico, como a mineração e a pecuária, sem a consideração do contexto de sociobiodiversidade impactado. Com a proximidade de um ponto de não retorno, jornalistas começam a despertar para a urgência do tema.

O CONCEITO DE JORNALISMO AMBIENTAL

Ao longo dos anos, ao examinarmos as reportagens sobre meio ambiente, começamos a observar dois tipos de cobertura, pelo menos: uma feita por jornalistas que demonstram conhecimento quanto ao tema e engajamento na defesa do meio ambiente, e outra feita por jornalistas que tratam o assunto de maneira mais fria ou burocrática, sem envolvimento.

Desde a criação do NEJ-RS, já entendíamos que o Jornalismo Ambiental tem sua dimensão educativa, por isso a ênfase na formação do jornalista e o foco nos cursos de extensão e seminários. Uma reportagem que trata a monocultura de eucaliptos como floresta, o uso de “defensivos agrícolas” (em vez de venenos) como uma necessidade para a produção de alimentos, ou a extinção de determinado peixe em um rio como algo sem importância, presta um desserviço para a educação ambiental do público. Com esses exemplos, queremos destacar a importância da formação e a nossa busca por um conceito de Jornalismo Ambiental que pudesse ser orientador da prática. Uma das aproximações que mais nos impactou foi a do jornalista uruguaio Victor Bacchetta:

O jornalismo ambiental considera os efeitos da atividade humana, desde a ciência e a tecnologia em particular, sobre o planeta e a humanidade. Deve contribuir, portanto, para a difusão de temas complexos e para a análise de suas implicações políticas, sociais, culturais e éticas. É um jornalismo que procura desenvolver a capacidade das pessoas para participar e decidir sobre sua forma de vida na Terra, para assumir em definitivo sua cidadania planetária (BACCHETTA, 2000, p. 18, tradução nossa).

É um conceito abrangente, permitindo-nos chegar a essa tipologia de Jornalismo que trata de temas ambientais e que certamente vai ser aperfeiçoada conforme os estudos avançam. Foi necessário cruzar o conhecimento sobre Jornalismo com as leituras de Capra, como *Conexões ocultas*, *O Ponto de Mutação* e *Teia da Vida*, de Morin, como *A Cabeça Bem-feita* e *Terra Pátria*, de Enrique Leff, como *Saber Ambiental*, e de Nancy Mangabeira Unger, com a obra *O Encantamento do Humano: ecologia e espiritualidade*, entre outros autores que contribuíram com uma perspectiva mais filosófica e com nossa alfabetização ecológica.

Elementos do Jornalismo Cívico e do Jornalismo Literário também colaboraram com o conceito de Jornalismo Ambiental.

Assim, para que uma reportagem seja considerada Jornalismo Ambiental deve apresentar algumas das seguintes características: mostrar uma visão sistêmica dos fatos; dar conta da complexidade dos eventos ambientais; contemplar a diversidade dos saberes e não ser refém de fontes oficiais; defender a biodiversidade e a vida em sua plenitude, o que significa deixar de ser imparcial; assumir seu papel educativo, cidadão e transformador. Tais aspectos também podem ser contemplados ao longo de uma série de reportagens.

Tendo identificado o Jornalismo Ambiental e o Jornalismo sobre meio ambiente, o Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental realizou um estudo sobre o Estado da Arte da Pesquisa em Jornalismo Ambiental e Jornalismo de Meio Ambiente no Brasil, com o objetivo de apresentar um panorama das dissertações e teses que fazem o cruzamento de Jornalismo com meio ambiente, desenvolvidas nos cursos de pós-graduação do Brasil e cadastradas no Banco de Teses da Capes de 1987 a 2010.

A metodologia do estudo compreendeu análise descritiva das pesquisas, com abordagem qualitativa, partindo da identificação dos temas, dos problemas de pesquisa, da hipótese, das referências teórico-metodológicas, dos objetos empíricos, da bibliografia utilizada e a da conceituação de Jornalismo Ambiental. Com a análise quantitativa, foram elaborados percentuais e gráficos. No total, analisaram-se 101 pesquisas, sendo 8 de doutorado, 90 de mestrado acadêmico e 3 de mestrado profissional.

Os resultados apontaram que poucos trabalhos conceituam o Jornalismo Ambiental, mas as pesquisas conectam o Jornalismo Ambiental ou sobre meio ambiente com o interesse público e a construção da cidadania. Também percebemos que a maioria dos trabalhos não faz a distinção entre Jornalismo Ambiental e o de meio ambiente, mas todos se referem à função educativa do Jornalismo, o que já é um avanço (GIRARDI; LOOSE; CAMANA, 2015).

Em outra pesquisa, buscamos compreender a concepção dos jornalistas que fazem a cobertura de meio ambiente na América Latina, no Caribe, em Portugal, na Espanha e nos países africanos de língua portuguesa a respeito do Jornalismo Ambiental. Os sujeitos foram contatados através da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, da Rede da América Latina e Caribe de Comunicadores Ambientais, da Associação de Jornalistas de Informação Ambiental (Espanha) e do Instituto de Comunicação Social (Moçambique). Apesar dos esforços, não obtivemos a participação de jornalistas portugueses e nem de outros países africanos de língua portuguesa (GIRARDI; LOOSE; SILVA, 2018).

Os questionários foram acessados no *site* do grupo de pesquisa. Ao todo, responderam: dezenove do Brasil, um da Argentina, dois da Colômbia, uma de Cuba, um de El Salvador, um do Equador, cinco da Espanha, um da Guatemala, um do México, três de Moçambique, dois do Uruguai e um da Venezuela. De forma quase unânime, o que interessa para este texto, os jornalistas que participaram da pesquisa entendem que é fundamental o papel dos cursos de Jornalismo para formação profissional do Jornalista Ambiental. No entanto, as noções do Jornalismo Ambiental ainda não estão bem compreendidas. Muitos profissionais trabalham com o que o grupo de pesquisa denomina Jornalismo sobre/de meio ambiente.

Nossa pesquisa atual busca delimitar as epistemologias do Jornalismo Ambiental através da análise de estudos sobre a temática publicados em português e em espanhol. Buscamos as origens de sete pressupostos que são recorrentes nas pesquisas em Jornalismo Ambiental:

1. Ênfase na contextualização – a expectativa de superar a fragmentação e a descontinuidade; destaque para uma contextualização ampla, profunda e crítica (tecendo relações de causas e consequências) e a perspectiva sistêmica.

2. Pluralidade de vozes – as notícias deveriam representar a pluralidade de vozes que estão envolvidas com a questão, inclusive aqueles que não detêm legitimidade científica, empresarial ou política.
3. Assimilação do saber ambiental – a compreensão disto propõe novos valores e uma nova consciência para a prática jornalística a partir de um olhar ambiental.
4. Cobertura próxima à realidade do leitor – trazer as questões ambientais para perto do cotidiano dos leitores e interconexão entre as escalas.
5. Comprometimento com a qualificação da informação – envolve engajamento e militância como atitudes críticas em defesa da sustentabilidade da vida.
6. Responsabilidade com a mudança de pensamento – o JA assume seu papel de contribuir para mudar o pensamento.
7. Incorporação do princípio da precaução – amplia o tempo de ação do jornalismo, orientando-o para o futuro na tentativa de alertar e evitar consequências negativas. (GIRARDI *et al.*, 2020, p.284-285)

O objetivo do trabalho é subsidiar uma definição mais precisa do conceito para ir além da função prescritiva (de mostrar como o Jornalismo *deveria ser*) e considerar o exercício da atividade jornalística frente às condições de produção dadas (destacando como o Jornalismo de fato é). Trata-se de aperfeiçoar a visão alargada do Jornalismo construída através das pesquisas do GPJA ao longo das últimas três décadas, formulando contribuições que deem conta dos desafios atuais do campo. Em tempos de crise climática e sanitária, o Jornalismo lida com suas próprias crises, que passam pelo enxugamento das redações e pela descrença nas práticas tradicionais da profissão a partir de um contexto de desinformação.

Tais fatores são levados em consideração e explicados ao público em geral a partir dos textos semanais que veiculamos no Observatório

de Jornalismo Ambiental que é um projeto de extensão iniciado em 2019. Com análises que têm por base os pressupostos do Jornalismo Ambiental, os textos produzidos buscam a qualificação das coberturas sobre questões ambientais e das próprias pautas em destaque nos noticiários. Desta forma, com a mediação entre jornalistas e leitores, esperamos promover o papel do Jornalismo na formação de sujeitos críticos e atentos ao contexto de ameaças à natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a discussão sobre os temas ambientais tem se fortalecido. Entre as evidências, estão a proliferação de eventos e publicações especializadas. O Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental, promovido por nosso Grupo de Pesquisa, já contou com quatro edições realizadas ao longo da última década. A produção de materiais voltados à formação de jornalistas e estudantes de Jornalismo também é uma demanda que buscamos atender nos últimos anos, na medida em que a aproximação com a área ambiental se torna inevitável no contexto da emergência climática. Citamos a publicação dos *e-books* *Jornalismo Ambiental: teoria e prática* (2018), que orienta o estudo e a experiência com o Jornalismo Ambiental em sala de aula, e o *Minimanual para a cobertura jornalística das mudanças climáticas* (2020), elaborado em parceria com o Grupo de Pesquisa Estudos de Jornalismo (UFSM) e o Grupo de Investigación Mediación Dialéctica de la Comunicación Social da Universidad Complutense de Madrid (MDCS, Espanha). Entre as publicações mais recentes, destaca-se também o dossiê *Los desafíos de la cobertura ambiental en tiempos de crisis* realizado para a edição temática da Revista Chasqui, número 144.

As obras citadas são um demonstrativo do avanço das pesquisas na área e do aumento do número de pesquisadores que se debruçam sobre o tema. As novas emergências exigem a ampliação das perspectivas teóricas para a melhor compreensão dos efeitos resultantes dos processos de agressão sistemática ao meio ambiente.

Hoje, além dos riscos climáticos, destruição dos ecossistemas, entre outros problemas, devemos falar também sobre racismo ambiental e olhar com mais atenção aos atingidos pelos desastres. Entendemos que a dimensão social e cultural deve ser cada vez mais evidenciada na apresentação dos resultados de estudos com interface no campo ambiental. A aplicação do Jornalismo Ambiental em pesquisas sobre o espaço urbano e sobre a teia de relações que caracteriza as cidades, por exemplo, ilustra a complexidade do tema e a necessidade de refletir sobre as desigualdades existentes e agravadas pelo acesso e controle dos bens naturais por poucos.

No entanto, a tarefa do Jornalismo, com o seu viés educativo, precisa ir além e apresentar soluções para que os cidadãos não fiquem paralisados perante o medo, mas engajem-se no movimento de mudança. Nessas quase duas décadas de institucionalização do debate ambiental acompanhamos avanços na ecologização do campo jornalístico, mas há muito para ser desconstruído, seja em termos de cultura jornalística hegemônica, seja quando falamos em modelos de negócios.

O Jornalismo Ambiental, através de seu comprometimento com a formação e a mobilização das pessoas, colabora com possibilidades de abordagem dos temas ambientais para além do factual. Logo, critérios de noticiabilidade orientados apenas para o presente imediato e para fatos concretos (enquanto as previsões tendem a ser menosprezadas) precisam ser revistos. Por consequência, também contribui para que a sociedade se veja implicada na realidade de crises sistemáticas e nas políticas públicas propostas diante dela. Esse papel do Jornalismo

também reforça a importância da pesquisa acadêmica que contribui com a produção de conhecimentos e a indicação de caminhos que podem ser seguidos na busca de um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia F., LOOSE, Eloisa B., GIRARDI, Ilza M. T. (Orgs.). *Minimanual para a cobertura das mudanças climáticas*. 1ª ed. Santa Maria: Editora FACOS, 2020.

BACCHETTA, Victor. El periodismo ambiental. In: BACCHETTA, Victor (Org.). *Ciudadanía planetaria*. Montevideo: IFEJ/FES, 2000. p. 18-21.

BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAPRA, Fritjof. *As Conexões Ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002.

CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida*. São Paulo: Cultrix, 1996.

GIRARDI, Ilza; SCHWAAB, Reges; MASSIERER, Carine; LOOSE, Eloisa Beling. Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. *C&S*. São Bernardo do Campo, v. 34, n. 1, p. 131-152, jul./dez. 2012.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; CAMANA, A. Panorama da pesquisa em Jornalismo Ambiental no Brasil: o estado da arte das dissertações e teses entre 1987 e 2010, *In Texto* (UFRGS. Online), v. 34, p. 362-384, 2015.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling.; SILVA, Jamille Almeida. O Jornalismo Ambiental na concepção de quem o faz: Estudo com jornalistas da América Latina, Caribe, Portugal, Espanha e países africanos de língua portuguesa, *Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação*, v. 2, p. 48-66, 2018.

GIRARDI, Ilza. Um semestre muito especial: o surgimento da primeira disciplina de Jornalismo Ambiental. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MORAES, Cláudia Herte de; LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE, Roberto Villar (Orgs.). *Jornalismo Ambiental: teoria e prática*. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. p.13-24.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MORAES, Cláudia Herte de; LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE, Roberto Villar (Orgs.). *Jornalismo Ambiental: teoria e prática*. Porto Alegre: Metamorfose, 2018.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; STEIGLEDER, Débora Gallas. Novos rumos da cobertura ambiental brasileira: um estudo a partir do Jornal Nacional. *Trajectorias Humanas Trascontinentales*, Limoges, n.7, p. 47–62, 2020.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; STEIGLEDER, Débora Gallas; BELMONTE, Roberto Villar; MASSIERER, Carine. A contribuição do princípio da precaução para a epistemologia do Jornalismo Ambiental. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 279–291, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i2.2053>

HOBPELLING, Henk. *Biotecnologia: muito além da Revolução Verde – desafio ou desastre*. Porto Alegre: AGE, 1990.

LAYRARGUES, Phillipe Pomer. *A Cortina de Fumaça: o discurso empresarial verde e a ideologia da racionalidade econômica*. São Paulo: Annablume, 1998.

LEFF, Enrique. *Saber ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. Prefácio. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MORAES, Cláudia Herte de; LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE, Roberto Villar (Orgs.). *Jornalismo Ambiental: teoria e prática*. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. p. 5-8.

MORIN, Edgar. *A Cabeça Bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar; KERN, Anne-Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

UNGER, Nancy Mangabeira. *O encantamento do Humano: ecologia e espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1991.